

O AMOR E A GUERRA NO PLANALTO E NA ESTEPE: ENTRE CAMARADAS ANGOLANOS, A UNIÃO SOVIÉTICA E A GUERRA FRIA

IOLANDA VASILE¹, CAROLINA PEIXOTO²

ABSTRACT. *Love and War in The Plateau and the Steppe: Between Angolan Comrades, the Soviet Union and the Cold War.* *The Plateau and the Steppe*, by Pepetela, looks at the story of Júlio, a white angolan from Huíla, that fights for the liberation of his country, and the mongol Sarangerel. The reader, smitten right away by the cover, dives into a beautiful love story, like the very title announces, “the real story of an impossible love”, that starts in 1960s in Angola, along with the outburst of the liberation movements, one year later. The story is brought up to present, after burning in the Russian cold, in the first lines of battle in Algeria and Angola and even in communist Cuba. Having this story as a background and focusing the analysis on the lives of African students in the former Soviet Union, we will explore the implications and importance of cultural exchanges for the establishment of long time relations between various national liberation movements and the former Soviet Union. Ultimately, we wish to question the essential role of memory in the processes of passage, transformation, and regulation of existing realities; imagining liberation beyond the independence.

Keywords: *Pepetela, liberation movements, african students, memory, cultural exchanges*

REZUMAT. *Dragoste și război în Planaltul și Stepa: între tovarăși angolezi, Uniunea Sovietică și Războiul Rece.* *O Planalto e a Estepe* [Planaltul și Stepa], de Pepetela, narează povestea lui Júlio, angolez alb din Huíla, care luptă pentru eliberarea țării sale, și pe cea a mongolei Sarangerel. Cititorul, captivat imediat de copertă, plonjează într-o frumoasă poveste de dragoste, anunțată deja de subtitlu “povestea reală a unei iubiri imposibile”, care traversează istoria Angolei anilor 60, odată cu începutul mișcărilor de eliberare națională, și ajunge până în zilele noastre, după ce a ars intens în frigul rusesc, în primele linii de bătălie ale

¹ Investigadora Júnior do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra (CES); doutoranda do programa Pós-colonialismos e Cidadania Global, coordenado pelo CES em parceria com a Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra. Docente de português pelo Instituto Camões, na Universidade de Oeste, Timisoara, Roménia. E-mail: iolanda.vasile@gmail.com

² Professora da Faculdade de Antropologia da Universidade de Concepción, Concepción, Chile. Doutora em Pós-colonialismos e Cidadania Global pela Universidade de Coimbra; Mestre em História Social pela Universidade Federal Fluminense. E-mail: carolina.peixoto@gmail.com

frontului algerian și angolez, chiar și în Cuba. Având această poveste ca fundal, și centrând analiza pe viața studenților africani în fosta Uniune Sovietică, în acest artigo vom explora implicațiile și importanța schimburilor culturale pentru relațiile dintre mișcările de eliberare națională și fosta Uniune Sovietică. În cele din urmă, dorim să problematizăm rolul esențial pe care îl are memoria în procesele de trecere, transformare și negociere al realităților în cauză; imaginând eliberarea dincolo de independență.

Cuvinte cheie: *Pepetela, mișcări de eliberare națională, studenți africani, memorie, schimburi culturale*

Introdução³

1961, “O ano de África”, reconhecido internacionalmente pelos sentimentos nacionalistas, de igualdade e libertação nacional que aglutinaram manifestações e movimentos anti-coloniais em todo o continente Africano, marcou também os sentimentos nacionalistas das, na altura, “províncias ultramarinas”⁴ portuguesas, de Angola, Moçambique e Guiné-Bissau. Influenciados regionalmente pelo Congo de Lumumba, pelo fervilhar continental, pelas tensões internacionais no tabuleiro da Guerra Fria, os movimentos de libertação angolanos entraram na história através dos três momentos fundacionais de 4 de janeiro⁵, 4 de fevereiro e 15 de março.⁶ Mas, se este foi o trampolim que acionou dentro do território nacional, não poucos foram os núcleos que agiram em prol da independência de Angola a partir de outros pólos revolucionários que se constituíram de fora para dentro.

³ Este artigo beneficiou-se da ajuda financeira da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT / MEC) Portugal (com fundos nacionais e co-financiado pelo FEDER através do *Programa Operacional Competitividade e Inovação COMPETE 2020*), no âmbito do projeto PTDC / CVI-ANT / 6100/2014 - POCI-01-0145-FEDER-016859. E, também, no âmbito das bolsas individuais de Doutoramento SFRH/BD/64059/2009 e SFRH/BD/73005/2010.

⁴ Designação formal atribuída em junho de 1951, para substituir o termo de “colónia”, numa tentativa falhada do Estado Novo de distrair a atenção da comunidade internacional da realidade colonial portuguesa.

⁵ Referência à Revolta da Baixa de Cassanje, na qual a população local, obrigada a plantar algodão em detrimento dos alimentos de base, se opôs ao monopólio da Cotonang. Foi identificado como sendo o primeiro momento no qual o Estado Colonial português usa bombas com napalm. Apesar de ser um movimento camponês, esta elevação influenciou o espírito dos ataques às prisões em Luanda, à 4 de fevereiro de 1961, considerados como marco do começo da luta armada e posteriormente atribuídos ao Movimento Popular para a Libertação de Angola (MPLA). Veja-se Freudenthal (1999).

⁶ Em 15 de março de 1961 a UPA promoveu um levante armado no Norte de Angola resultando no massacre de vários colonos brancos e trabalhadores ovimbundos (grupo étnico originário do sul de Angola).

Formadas pelos estudantes africanos que residiam no coração do Império⁷, ou que viviam espalhados pela Europa, atravessando Paris e Moscovo, ou até nas ex-colónias francesas, de Argélia e Marrocos, essas células revolucionárias, ligadas aos movimentos nacionalistas, determinaram o andamento da guerra para a libertação nacional. Em termos de nova orientação ideológica prevaleceu, *grosso modo*, o Marxismo, visto como uma alternativa ao já existente sistema opressivo. Contudo, não foram poucas as vozes que alertaram sobre o perigo que a universalização do modelo socialista traria, adoptado *telle quelle* e ignorando as particularidades locais.

Este quadro constitui o ponto de partida para a história entrelaçada por Pepetela no *Planalto e a Estepe*. Localizado no Sul de Angola, mas passando também por Portugal, Rússia, Argélia e Cuba, o livro conta uma dupla história de amor, visto que um romance entre estudantes serve de metáfora para narrar a história de amor dos movimentos africanos de libertação nacional com o socialismo, pensado em princípio como a nova alternativa, até que esta ideia chega a ser desconstruída através de episódios graduais e repetitivos de desencantamento cultural, social e político.

O livro, situado inicialmente no sul angolano, conta a história de Júlio, angolano branco de olhos azuis, assim como sugerido, filho de colonos portugueses de classe média. É nos penhascos da Tundavala, sob abrigo do planalto central de Angola, atemporal, livre, protector, que o protagonista cresce, descobre, e aprende conhecer o mundo e a natureza, especialmente a natureza humana, com as suas desigualdades e os seus vícios.

O certo é ter os amigos das redondezas, com eles jogava futebol e caçava sardões ou pássaros e apanhava fruta. Só hoje sou capaz de reparar terem cores diferentes dos outros da escola. Na época éramos todos iguais, julgava eu.

Não éramos afinal, havia racismo.

(...) Mal sabia eu! O racismo havia de me perseguir a vida inteira, como vos explicarei. (Pepetela 2009:15)

Seguindo um costume perpetuado até hoje, Júlio Pereira faz o caminho contrário da rota colonial e, incentivado pelos pais, instala-se em Coimbra para estudar medicina. Ali aprende novamente com as desigualdades a carga de ser um africano diferente no país de Salazar. É isto que o leva ao encanto com o socialismo. Deixa o curso e com a ajuda dos “comunistas” entra num novo mundo pelas portas de grande Moscovo.

⁷ Estes primeiros núcleos começaram a reunir-se na Casa dos Estudantes do Império (CEI). Criada em 1944, a casa pretendida oferecer um espaço de convívio e controlo dos estudantes provenientes das colónias.

Depois dividiram-nos. Os mais escuros iam combater. Receberiam treino militar na fronteira entre Marrocos e Algéria. Os mais claros tinham bolsas de países amigos, iam estudar para a Europa. (...) De novo as raças a separarem os grupos. Fiquei desiludido, sobretudo humilhado. (...) Me deixaram escolher o curso, não o destino. Economia. (...) Disseram, é um bom curso, precisaremos de muitos economistas para desenvolver o país livre, vais para Moscovo, União Soviética. Agradei. (Pepetela 2009:34)

Rapidamente depara-se com a irrealidade de uma realidade que era além do que tinha imaginado, tanto ao nível dos estudos, também como, ou ainda mais, ao nível ideológico.

Os revolucionários como nós só têm um caminho. Aprender o marxismo, para depois esquecer algumas coisas. Não temos de repetir os erros que estes tipos cometem. Temos de inventar o nosso próprio caminho em África. A via africana para o socialismo.” (Pepetela 2009:45)

O tratamento da diferença alia-o fortemente ao grupo dos estudantes africanos na União Soviética; amigos que levará para a vida inteira. No seu segundo ano em Moscovo, num dia cinzento como outro qualquer, Júlio conhece a Sarangerel, estudante mongol. O amor genuíno não consegue passar por cima de ideologias de partido e interesses de classe. Filha de um alto dignitário mongol, Sarangerel, uma vez grávida, é raptada “de volta” para o seio de uma família e um sistema autoproclamado perfeito nas suas “impurezas”. Embora tentando tudo humanamente possível, Júlio consegue ver a sua filha apenas seis anos depois, só de costas, e sem poder dirigir-lhe uma palavra sequer. As cicatrizes ganham forma física com a entrada na luta de libertação; Júlio lutando junto dos seus companheiros argelinos e dos seus conterrâneos angolanos como membro do MPLA. Os últimos capítulos do livro surpreendem as críticas para uma transição oligárquica, uma verdadeira crítica ao neocolonialismo. A história de amor fecha ciclicamente juntando, também fisicamente, as duas almas em terras angolanas, depois de se terem reencontrado, quase por acaso, em Cuba. Finalmente, depois de mais de 45 anos de espera, os últimos quatro de vida são passados juntos. Será, portanto, o triunfo moderado do amor uma metáfora para acreditar na tentativa de um triunfo de uma nação?

A partir desta leitura do livro o trabalho pretende olhar para as trocas de estudantes africanos na antiga União Soviética, como um dos canais da Guerra Fria que proporcionaram contactos e trocas humanas que, uma vez desveladas, questionam os momentos fundacionais da narrativa duma “História” universalmente acordada. Partindo da hipótese que são as microhistórias que

conseguem reescrever a macrohistória, exemplificaremos através deste livro como os canais pessoais tiveram um peso fundamental na constituição das grandes trocas entre os países socialistas e as novas independências africanas. Foram as trocas pessoais que facilitaram apoios e intercâmbios dos mais variados. A assim chamada solidariedade internacional se traduziu em camadas de interesses pessoais e nacionais, cujo motim nem sempre foi a ideologia ou um ideal comum, mas antes interesses económicos.

As lutas de libertação (n) *o Planalto e a Estepe*: educação e trocas culturais na Guerra Fria

Os continentes são convenções, apenas existem terras separadas por mares.
Nos bolsos dos seres marinhos sempre há montes de terra seca.
Nós desconseguimos de chegar aos bolsos aferrolhados.
Na loucura do pôr do Sol, gaivotas gritam avisando rotas.
Uns poucos sabem traduzir os gritos das gaivotas.
Esses chegam a terra firme.
(Pepetela 2009:32)

O Planalto e a Estepe tenta explorar as representações da luta de libertação angolana como o motor e o estopim de profundas mudanças e reposicionamentos sociopolíticos, identitários e ideológicos. A “repartição” do mundo no pós-1945, tributária de imperialismos emergentes, a crítica ao colonialismo, o encanto com o socialismo, e os processos identitários de “hibridização” e “fragmentação”, são alguns dos pontos destacados. Os estudos póscoloniais, enquanto abordagem transdisciplinar, compõem um substrato teórico adequado às complexidades trazidas pelos temas desenvolvidos com tanta pertinência por Pepetela neste livro. Os contributos já oferecidos por autores como Pélissier (1986), Méssiant (2006), Mabeko-Tali (2001), Bittencourt (1999), entre outros, revelam a necessidade de exploração deste período colonial tardio, e confirmam as múltiplas facetas de “uma demanda problematizante sobre a construção de uma história com base numa só versão, [seja] de matriz colonial(ista) ou anti-colonial-nacional(ista)” (Mata 2008:76)⁸. Pode-se afirmar que, o foco (d) *o Planalto e a Estepe* vai justamente no sentido da exploração da relação entre poder e literatura como importante componente das diversas “zonas de contacto” da realidade angolana colonial, tentando assim recompor o complexo *puzzle* que caracterizava Angola colonial na altura pré 1961.

Um outro ponto central de análise, sugerido pelo livro, é o olhar crítico que aponta para os nacionalismos angolanos ancorados nos movimentos de

⁸ <http://www.omarrare.uerj.br/numero13/pdfs/inocencia.pdf>

libertação, bem como nas narrativas a estes relacionados. Sob o impulso da Guerra da Argélia, Júlio, o personagem central (d) *o Planalto e a Estepe*, assim como muitos jovens angolanos da sua geração que tinham estudado fora do país, faz a transição da denúncia política à luta armada nacionalista.

Até um dia me chamarem à representação do Movimento, onde tinham chegado notícias sedutoras. Viria em breve um responsável para escolher os militantes devendo partir imediatamente para o Congo, Brazzaville, e daí para Angola. (...) Outros menos sortudos ficaram na Argélia até ao momento da independência, se ocupando de tarefas menos exaltantes, provavelmente sem nunca saberem também o porque da rejeição. (...) Fiz portanto guerras. (...) Fiz guerras, muitas. (Pepetela 2009:121-122)

Por outro lado, a deriva africana da doutrina Marxista leva a concluir que o entendimento destas múltiplas facetas do projecto nacionalista requer a análise da ligação com outros poderes e ideologias, insitindo na relação com a então União Soviética, que ainda hoje se encontra no “armário obscuro das coisas proibidas” (Milhazes 2009). No mesmo sentido, entender o expansionismo soviético em Angola ajuda a contextualizar e identificar os factores socioculturais e políticos que levaram à criação dos movimentos de libertação como resposta às mudanças operadas pela política colonial (Bittencourt 1999). Além disso, queremos destacar as ignoradas relações estabelecidas entre Angola e os seus vizinhos, ou com poderes como os EUA, Cuba, ou África do Sul, os quais também tiveram o seu papel na gestação da luta anti-colonial (Neto 1997, Shubin 2007, Telepneva 2014).

Neste contexto enviar as suas elites, e não só, para estudarem nos países do antigo bloco socialista foi a opção de muitos governos africanos, até muito antes de serem constituídos em países independentes. Este movimento se deu paralelamente com outros tipos de apoio, como militar, médico, humanitário ou de técnicos especializados e professores. Se a história com a União Soviética, especialmente no campo militar, ainda permanece obscura, principalmente por falta de acesso a documentos (Shubin, 2007, Telepneva, 2014:15, 20), as trocas estudantis foram exploradas em depoimentos públicos e artigos académicos (Saint Martin, Ghellab, Mellakh, 2015).

Segundo Telenpneva (2014:30) apenas em 1958, os soviéticos expandiram a influência em África, com o aumento de bolsas de estudo para estudantes africanos entre outras medidas. Como isto coincidiu com as novas independências no continente Africano, um departamento especial foi criado para lidar com estes novos países. Por volta da mesma altura, em todo o bloco soviético, novas organizações de solidariedade com os povos da África e Ásia foram criadas, com medidas semelhantes. A altura coincide também com a

Conferência de Cairo⁹, a primeira Conferência de Solidariedade com as Pessoas da Ásia e da África. Os anos 60 foram dominados pelas trocas estudantis, que permitiram a inúmeros estudantes africanos, tal como o Júlio, estudarem em tantos países do ex-bloco soviético. Como Yale Richmond mostrava no seu *Cultural Exchange and the Cold War* (2004), a batalha para a hegemonia mundial foi levada, em grande medida, através dos canais indirectos da educação e dos esquemas de bolsas, através do intercâmbio e preparo especializado e técnico de estudantes, instrutores e de outro pessoal técnico.

De uma forma geral, segundo os relatos do livro, de outras entrevistas por nós realizadas em Moçambique em outubro de 2016, e pelas entrevistas de “Étudier à l’Est. Expériences de diplômés africains” os estudantes costumavam ser escolhidos quase aleatoriamente pelos movimentos de libertação. Por vezes poderia ser pelo empenho escolar, mas sempre porque precisavam de ser formados quadros nas mais diversas áreas.

La sélection des étudiants était faite assez arbitrairement des les pays africains, sans prêter attention au milieu dont ils étaient issus, ce qui contrastait avec la pratique soviétique où on s’intéressait à la “nationalité” (ethnie), à l’occupation et à l’origine sociale du candidat et de ses parents. (Saint Martin, Ghellab, Mellakh 2015:278).

Igualmente, os tópicos de estudo eram escolhidos em função das necessidades do movimento, mas aprender a língua russa era quase sempre um processo penoso, o chamado ano preparatório para a aprendizagem da língua, antes da entrada para a especialização escolhida.

Na escola de língua russa ou no lar de estudantes, onde encontrava jovens de todos os lados do mundo, despertava sempre curiosidade. Logo eu que preferia confundir-me com os rochedos, ser uma lagartixa ao sol entre duas pedras... Despertava curiosidade. Desconfiança, nalguns casos. Um branco quase louro era angolano e queria lutar pela independência? Curiosamente, os primeiros a me estenderem a mão foram africanos. Um senegalês, um tanzaniano e um congolês. O senegalês e o congolês, indubitavelmente negros, o tanzaniano mais claro um pouco. Para eles eu era camarada. Os europeus olhavam do lado desconfiados. Os quatro formámos o meu primeiro grupo em Moscovo. (...) Mas decidimos desde o princípio tentar nos entender em russo, esforço para aprender mais rápido.” (Pepetela 2009: 36)

⁹ A conferência ocorreu de 26 de dezembro de 1957 a 1 de janeiro de 1958 e imaginou-se uma continuadora da Conferência de Bandung (1955).

Este parágrafo oferece indícios sobre as dificuldades e preconceitos que os estudantes africanos sentiam uma vez na antiga União Soviética, para além do processo de aprendizagem da língua. Se eram supostamente bem acolhidos, de uma forma geral passavam mais tempo em comunidades fechadas, parte dos grupos de estudantes estrangeiros e, mais vezes que não, a divisão era regional ou continental.

Quando já podíamos trocar opiniões entre nós, Salim, o tanzaniano, Moussa, o senegalês, e Jean-Michel, o congolês, resolvemos fazer uma revolução no lar dos estudantes. (...) Como africanos, queríamos ficar juntos em dois quartos contíguos para podermos estudar russo. Seria mais fácil para a entretajuda. O director repetiu os dizeres de Olga, não é permitido, o internacionalismo proletário obriga a misturar pessoas diferentes para se conhecerem e se solidarizarem umas com as outras. Salim era o mais teimoso, pegou na palavra, estamos a estudar russo e não internacionalismo proletário, e é mais fácil aprender se o fizermos em conjunto.” (Pepetela 2009:37)

Mais

Temos hábitos diferentes e estamos cansados de que riam dos nossos hábitos estranhos. Olhares assustados entre Olga e o director, a acusação era grave, alguns alunos riam dos africanos, podendo haver conotação racista, não era isso que o Partido proclamava, uma bronca se fosse conhecido.” (Pepetela 2009:37)

Os materiais de arquivo, oficiais ou pessoais, fotografias, entrevistas, livros de memórias são testemunhos da importância e da magnitude das várias formas de circulação e troca que existiram entre o continente africano e o antigo Bloco Soviético. Entre estes os intercâmbios de estudantes e pessoal especializado abrem espaço para debater as implicações das trocas pessoais no quadro geral dos interesses nacionais.

Segundo Guy Pandji (2011), até 1991 por volta de 50 000 estudantes africanos tinham estudado na antiga União Soviética, entre eles muitos dos futuros líderes do continente, como o antigo presidente angolano, José Eduardo dos Santos.

O passado nas linhas abissais da memória

(...) No mundo dos humanos, tudo pode calhar. Se vontade houver.
E se os poderosos permitirem.
Normalmente, os poderosos encolhem os ombros. Indiferentes à dor.
O seu silêncio marca a eternidade da separação. (Pepetela 2009:78)

O que representa “no mundo dos humanos poderosos” a memória? O que significa a memória para aqueles que não detêm o poder? Segundo as páginas do livro sugerem a resposta cai, senão no silêncio da ignorância intencionada, numa indiferença que interpreta este passado recente como algo remoto no tempo, ao mesmo tempo longe e superado. Com os novos processos de globalização, e a preocupação com as “novas democracias”, pode ser constatada a tendência de recorrer à um “resgate” desta memória, seja ela (pós)colonialista ou (pós)comunista. O processo de reconciliação com o passado nasce, portanto, de uma imposição parcialmente externa, condicionada do surgimento, também, de uma consciência civil, determinada geralmente pelas tendências das elites intelectuais locais. Trata-se de uma dimensão ainda restringida e condicionada por múltiplos factores de sociedades civis em (re)construção, como o próprio livro mostra tão bem. O passado serve nas épocas comemorativas, no restante tempo as memórias são resgatadas, na sua maioria, para poderem ser culpabilizadas pelas falhas económicas ou políticas. O passado permanece presente para justificar o desespero de se apropriarem por reproduções globalizantes de vertente norte-americana ou eurocêntrica, como modelos democráticos válidos por si, adoptados *telle quelle*.

A realidade angolana, igual as realidades de vários outros espaços em transformação, comprova que existem inúmeras formas de se poder lidar com o passado, mas que todas elas envolvem relações de poder, determinadas por interesses, e que também sempre dão lugar a exclusões. A memória, como parte de uma hegemonia do esquecimento, é promovida pelos antigos actores agora ancorados em demagógicos processos de transição, articulados em contextos semi-coloniais. A necessidade do autor, enquanto intelectual que no passado esteve engajado na luta pela libertação nacional, é problematizar e expandir o conhecimento sobre as várias leituras da história; revelar tantas trajetórias que poderiam fazer parte das memórias recentes e os esquecimentos que questionam os limites éticos e morais de todos estes espaços e temporalidades. Reconhecemos neste ponto a existência de uma *linha abissal* que fratura a sociedade angolana, assim como todas as sociedades com um passado colonial. De um lado desta linha está a narrativa histórica oficial baseada nas memórias enaltecidas pelos detentores do poder, enquanto que o outro lado da linha desaparece enquanto realidade, torna-se inexistente, sendo apropriado como inexistente e criado como tal (Santos, 2009: 23-24).

-Basta-nos onze meses por ano de socialismo e de países amigos – respondi. – Por um mês de férias preferimos espairar nas molezas do capitalismo. Amigos, amigos, férias à parte! (...) Nós éramos socialistas só de boca, isso já tinha percebido há muito. Estávamos todos à espera da

primeira oportunidade para declarar de viva voz o nosso fervor capitalista. E muitos para declarar o fervor religioso, sempre escondido. (Pepetela 2009:135-136)

Eis a prova do arrependimento de uma classe política que tinha caído nos encantos socialistas, mas que (re)conhece os seus enganos e falsos encantos. Mas será este corpo comum de arrependimento um “lugar da memória” (Araújo, M.P.; Santos, M.S., 2007: 108) suficientemente maduro para apropriar estas experiências históricas ao ponto de não serem mais repetidas, ou o interesse pessoal chega a dominar o “interesse de classe”? Também Pepetela responde em outras reflexões ao longo do livro, quase conclusivas, e repletas de descontentamento com o presente “em construção”:

O fantasma se aquietou um dia e o silêncio da paz caiu de repente sobre a terra martirizada. (...) Já antes o país estava agitado em crescimento e tráficos de todo o género. Mas depois da guerra explodiu em empreendimentos, legais ou nem tanto. A paz atraiu muita gente e negócios. (...) Alguém finalmente lhe explicou o mambo. Uns chefões queriam apenas tratar com uma grande empresa multinacional, pagando suculentas comissões aos indígenas com poder político, inflacionando os custos orçamentados das operações e lucrando todos, em detrimento do Estado angolano. (Pepetela 2009:180 -182)

Na mesma medida, as poesias nas entrelinhas são portadoras de dosagens de realidade atenuada pela formosura das metáforas e das personificações. Pepetela confia à poesia intensos relatos de guerra.

Há rostos que aparecem nos combates
Moscas zumbindo sobre corpos apodrecendo
Ao cheiro do sangue seco.
Rostos há que não são moscas
Não rondam mortes nem sangue
Trazem apenas melancolia e uma réstia de esperança.
Assim ela lhe aparecia em combates
Ternura, meiga ausência. (Pepetela 2009:129)

A poesia acompanha os pontos marcantes da história de amor, determinando o leitor incorporar a tensão e a intensidade dos relatos. Aponta para o realismo dos acontecimentos, moldando em versos as incidências do outro, um relato de madrepérola, o único que resgata o ser, a humanidade, da trivialidade imposta pelos “maiores”. Esta poesia que perpassa o livro

constitui-se como um relato alternativo, muito afectivo e moral, que levanta o problema da constituição de uma memória pública a partir destes relatos mais pessoais dos próprios antigos estudantes na URSS, mais tarde ex-combatentes. Ganha-se, desta forma, mais consciência do carácter de representação que toda a narração do passado tem, através destes relatos pessoais, mas também através das divulgações oficiais dos acontecimentos, ou de outros relatos alternativos (Sarlo, 2007). Aqui intervém o aspecto fragmentário da memória que se encontra posicionado entre a lembrança e aquilo que se lembra. Este espaço é constituído, segundo Sarlo, pelas várias operações linguísticas, discursivas, subjectivas e sociais do relato da memória que, pela própria natureza do seu carácter inacabado, convém não ser restringido à um discurso único sobre a memória.

Em aberto fica a questão de quando, finalmente, começará o processo de paz com o passado. Um processo largo, difícil e dolorido, mas que, pelo menos no discurso introspectivo, senão também no público, seria fundamental para fomentar a auto-capacidade de assumir-se no presente. Quanto colonialismo e quanto comunismo reside ainda nesta capacidade consciente de silenciar realidades tão recentes? São estes os questionamentos a partir dos quais o papel da intelectualidade se desenrola, enquanto promotor do exercício de tradução, em que reside o crítico pós-comunista e pós-colonial, produtor de conhecimento, mas também regulador da sociedade civil, como o principal livre arbítrio no contexto político. Precisamos de mais vozes, mais versões, mais testemunhos, mais memórias capazes de inverter “a clivagem entre a memória oficial e dominante e “memórias subterrâneas”, marcadas pelo silêncio, pelo não dito, pelo ressentimento” (Araújo, Santos, 2007:104).

Conclusão

Ao focar a análise na experiência dos estudantes angolanos, no caso, na antiga União Soviética, como também na relação entre poder e literatura nas múltiplas “zonas de contacto” coloniais, pretendemos contribuir para destacar o importante papel desempenhado pela intelectualidade angolana e pela comunidade literária nos processos de passagem, transformação e regulação das realidades sócio-políticas e simbólicas existentes no colonialismo tardio e que levaram à imaginação de diversas formas de libertação para além da independência política. Na escrita, este processo de “fragmentação” identitária e de afiliações político-ideológicas bastante heterogéneas reflecte uma pluralidade de expressões que problematizam as relações coloniais através de uma face estética e uma outra ideológica. A face estética é representada

através de formas narrativas e estilísticas que se destacam de manifestações hegemónicas dos modelos literários europeus, ao passo que a face ideológica se expressa no desejo de libertação do jugo do homem pelo homem através de múltiplas estratégias (Padilha 2008).

Como Amílcar Cabral enfatizava no seu *National Liberation and Culture*, a resistência cultural, determinada por factores internos ou externos, pode adoptar novas formas (políticas, económicas ou armadas) para contestar a dominação estrangeira. O mesmo afirma que a cultura é o fruto da história das pessoas, e um determinante da história. Não será esta uma possível explicação para o fracasso de alguns movimentos de libertação? O que de facto significa a “libertação nacional”?

The liberation must in addition understand the mass character, the popular character of culture, which is not and could not be an attribute of one sector or of some sectors of society. (Cabral 2007:487)

Consequentemente, em última análise, é importante salientar o papel essencial de uma educação ideológica e intelectual nos processos de passagem, transformação e regulação das realidades existentes; imaginando a libertação para além da independência. Poderá ser a *reconversão cultural*, um termo proposto pelo líder político guineense Amílcar Cabral, a única solução válida, apesar da sua vinculação directa com a ideologia socialista? Trata-se portanto, de um exercício constante de questionamento, do passado pós-colonial, como ocorre no próprio livro, mas também, e principalmente, do proposto futuro; as mesmas ideologias fundadoras, diferentes formas de incorporá-las/vivê-las.

BIBLIOGRAFIA

- Allen, Chris, “Who needs Civil Society” (2004), em Giles Mohan e Tunde Zack-Williams (eds.), *The Politics of Transition in Africa. State, Democracy & Economic Development*. Oxford: James Currey, Trenton, N.J., Africa World Press, 260-269.
- Amadiume, Ifi; An-Na’im, Abdullahi (ed.) (2000), *The Politics of Memory: Truth, Healing and Social Justice*. London-New York: Zed Books.
- Araújo, Maria Paula Nascimento; Santos, Myrian Sepúlveda dos, (2007), “História, memória e esquecimento. Implicações políticas”, *Revista Crítica de Ciências Sociais*, (79), 95-111.
- Bittencourt, Marcelo (1999). *Dos jornais às armas: trajetórias da contestação angolana*. Lisboa: Vega

- Chandhoke, Neera (2002), "Civil Society Hijacked," *Hindu*, January 16.
- Cabral, Amílcar (1970), "*National Liberation and Culture*", em Tejumola, Olaniyan; Quayso, Ato (ed.) (2007) *African Literature. An Anthology of Criticism and Theory*. Malden: Blackwell Publishing, 484 - 492.
- Fanon, Frantz (2008), *Concerning Violence*. London: Penguin Books.
- Freudenthal, Aida (1999), "A baixa de Cassanje: algodão e revolta", *Revista Internacional de Estudos Africanos*, (18-22), 245-283.
- Guedes, Armando Marques (2005), *Sociedade Civil e Estado em Angola. O Estado e a Sociedade Civil sobreviverão um ao outro?*. Coimbra: Almedina.
- Mata, Inocência (2008), "Refigurando espectro da nação", em Padilha, Laura Cavalcate; Ribeiro, Margarida Calafate (Orgs.) (2008). *Lendo Angola*. Porto: Edições Afrontamento.
- Méssiant, Christine (2006). *1961 - L'Angola Colonial. Histoire et Societé. Les premisses do Mouvement Nacionaliste*. P. Schlettwein Publishing Switzerland.
- Milhazes, José (2009). *Angola - O princípio do Fim da União Soviética*. Lisboa: Nova Veja, Lda.
- Neto, Maria de Conceição (1997), "Ideologia, contradições e mistificações da colonização de Angola no século XX", *Lusotopie*, 327-359.
- Pepetela (2009), *O Planalto e a Estepe*. Alfragide: Publicações Dom Quixote.
- Padilha, Laura Cavalcate; Ribeiro, Margarida Calafate (Orgs.) (2008). *Lendo Angola*. Porto: Edições Afrontamento.
- Péllissier René (1986). *História das Campanhas de Angola (1845-1941)*. Lisboa: Estampa.
- Pandji, Guy (2011), "Le retour de la Russie en Afrique. La dimension des bourses", *Norrag News*, (45), 39-41.
- Pimenta, Fernando Tavares (2008), *Angola, os Brancos e a Independência*. Porto: Afrontamento.
- Richmond, Yale (2004), *Cultural Exchange and the Cold War: Raising the Iron Curtain*. University Park: Penn State University Press.
- Saint Martin Monique de, Ghellab Grazia Scarfò, Mellakh Kamal (2015), *Étudier à l'Est. Expériences de diplômés africains*. Paris: Khartala.
- Santos, Boaventura de Sousa (2002). "Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências", *Revista Crítica de Ciências Sociais*. 63, 237-280.
- Santos, Boaventura de Sousa (2009), "Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia dos saberes" em Boaventura de Sousa; Meneses, Maria Paula (orgs.) (2009), *Epistemologias do Sul*. Coimbra: Almeida, 23-71.
- Sarlo, Beatriz. (2007) *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Shubin, Vladimir (2007) "Unsung Heroes: The Soviet Military and the Liberation of Southern Africa", *Cold War History*, (7:2), 251-262.
- Tali, Jean-Michel Mabeko (2001) *Dissidências e poder de estado: o MPLA perante si próprio II vol. 1974-1977*. Luanda: Editorial Nzila
- Tejumola, Olaniyan; Quayso, Ato (ed.) (2007) *African Literature. An Anthology of Criticism and Theory*. Malden: Blackwell Publishing.

- Telepneva, Natalia (2014) *Our Sacred Duty: The Soviet Union, the Liberation Movements in the Portuguese Colonies, and the Cold War, 1961-1975*. Tese de Doutoramento. London School of Economics, Londres.
- Vidal, Nuno; Pinto de Andrade, Justino (eds.) (2009), *Sociedade Civil e Política em Angola. Enquadramento Regional e Internacional*. Luanda e Lisboa: Firmamento, Média XXI e Adra Angola.
- Young, Robert, J.C. (2001), *Postcolonialism. An Historical Introduction*. Oxford: Blackwell Publishers.